

SIMPÓSIO AT072

O QUE ESCREVEM OS PROFESSORES SOBRE OS SENTIDOS DE SUA PRÓPRIA ESCRITA

AMORIM, Rejane
Faculdade de Educação/UFRJ
rejane.ufrj@gmail.com

BARONI, Patrícia
Faculdade de Educação/UFRJ
patyybarone@gmail.com

CERDAS, Luciene
Faculdade de Educação/UFRJ
lucienecerdas@gmail.com

SOUZA, Marta Lima de
Faculdade de Educação/UFRJ
souzamartalima@gmail.com

Resumo: : Para esse artigo, apresentamos recortes da pesquisa sobre os sentidos que os professores da educação básica ao ensino superior, que trabalham com o ensino da escrita, atribuem à sua própria escrita. Os sujeitos da pesquisa participaram do curso de extensão ENSINO DA ESCRITA: DA ALFABETIZAÇÃO AO CURSO SUPERIOR oferecido pelo Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa Fórum de Ensino e Escrita (GRAFE), que teve como objetivos (1) Atualizar e ampliar conhecimentos sobre as teorias acadêmicas e as práticas docentes do ensino de escrita da alfabetização ao ensino superior; (2) Promover o diálogo entre os diferentes sujeitos que atuam com o ensino da escrita. Um dos objetivos da investigação foi compreender que sentidos os professores atribuem à escrita tendo como base a ampliação de conhecimentos e o diálogo com os diferentes sujeitos que atuam com o ensino da escrita. A metodologia consistiu na leitura e releitura dos relatórios elaborados pelos sujeitos da pesquisa, buscando elencar eixos de análise, dentre eles destacamos nesse estudo os sentidos da sua própria escrita. Os aportes teóricos de, Castro (2009) e Collelo (2015) contribuíram para análise das informações, considerando que reforçam a importância de uma escrita relacionada com as trajetórias dos sujeitos e seus contextos. Em relação aos eixos de análise que a pesquisa revelou e que apareceram destacados com as próprias falas dos cursistas foram: a) a escrita é um privilégio de poucos; b) a escrita é um desafio; c) a escrita nos interliga com tantas possibilidades. Analisamos esses eixos também na perspectiva de uma contradição, na medida em que assumem um posicionamento subjetivo e acabam revelando que sua prática na escola é atravessada por questões que se fundem e modificam suas formas de atuação.

Palavras-chave: professores; ensino da escrita; sentidos.

Abstract: For this article, we present clippings of the research on the meanings that teachers of basic education to higher education, who work with the teaching of writing, attribute to their own writing. The subjects of the research participated in the course of extension. EDUCATION TEACHING: FROM LITERACY TO HIGHER COURSE offered by the Group of Actions of Teaching, Extension and Research Forum of Teaching and Writing (GRAFE), whose objectives were: (1) To update and expand knowledge about academic theories and teaching practices of literacy teaching to higher education; (2) To promote dialogue between the different subjects that work with the teaching of writing. One of the objectives of the research was to understand what meanings teachers attribute to writing based on the expansion of knowledge and the dialogue with the different subjects that act with the teaching of writing. The methodology consisted in reading and re-reading the reports prepared by the research subjects, seeking to list axes of analysis, among which we highlight in this study the meanings of their own writing. The theoretical contributions of Castro (2009), Collelo (2015) contributed to the analysis of the information, considering that they reinforce the importance of a writing related to the trajectories of the subjects and their contexts. In relation to the axes of analysis that the research revealed, and appear highlighted with the own speeches of the students were: a) writing is a privilege of a few; b) writing is a challenge; c) writing interconnects us with so many possibilities. We analyze these axes also in the perspective of a contradiction, in that they assume a subjective position and end up revealing that their practice in school is crossed by questions that merge and modify their ways of acting.

Keywords: teachers; writing teaching; senses.

Introdução

O artigo apresenta recorte da pesquisa em que analisamos os sentidos da escrita para professores participantes do curso de extensão Ensino da Escrita: da Alfabetização ao Ensino Superior. Nesta introdução, tratamos brevemente do objetivo do artigo e da pesquisa que o originou, bem como dos referenciais teóricos que nos auxiliaram a compreender as enunciações escritas. Em seguida, analisamos e discutimos os três eixos extraídos do material de pesquisa. Nas considerações finais, apontamos os resultados da pesquisa, destacando a importância da relação da universidade com a educação básica na formação permanente de professores, a partir de compreensões de que somos todos seres inacabados e inconclusos, na perspectiva de Freire (1996).

Embasado na perspectiva acima, o curso como espaçotempo¹ de formação continuada de professores dialoga também com os princípios de Nóvoa (1992) para formá-los, a saber: (1) reconhecê-los como portadores de uma história de vida, buscando refletir como se formam; e (2) compreender a formação como um trabalho coletivo em torno da resolução de problemas, portanto como produção do saber, e não do consumo. Deste modo, suas histórias de vida e de docência foram fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem no curso, em um intercâmbio de saberes e práticas docentes da educação básica ao ensino superior.

Os professores participantes que se dispuseram a frequentar os três meses de curso fizeram-no por assumirem “por sua própria conta e risco ações de aperfeiçoamento profissional” (CASTRO e AMORIM, 2015, p.50), a partir da reflexão sobre o mundo do trabalho e corroborando o que “sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer formação permanente do ensinante” (FREIRE, 2003, p.28).

O objetivo da pesquisa foi compreender que sentidos os professores atribuem à escrita tendo como base a ampliação de conhecimentos e o diálogo com os diferentes sujeitos que atuam com o ensino da escrita no âmbito do curso. Para isso, analisamos as respostas ao primeiro enunciado: 1) Os sentidos da escrita para você - que fazia parte de um roteiro enviado por e-mail, e respondida pelos trinta e sete sujeitos que foram identificados por um nome fictício.

É desse encontro e do diálogo entre ensinantes que buscam formação permanente que se organiza a pesquisa qualitativa, “pois a metodologia surge como um auxílio na construção do conhecimento, e não um caminho burocrático da organização da pesquisa” (GHEDIN e FRANCO, 2011, p.123). Desse modo, o procedimento metodológico consistiu de leituras e releituras da

¹ A escrita conjunta desses termos se relaciona ao que Alves (2008) salienta como uma busca de superação das marcas que em nós estão, devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar no qual um dos movimentos principais é a dicotomização de termos, vistos como “pares”, mas opondo-se entre si.

compilação das enunciações sobre o sentido da escrita. Extraímos da análise, três eixos revelados nas próprias falas dos participantes, a saber: a) “a escrita é um privilégio de poucos”; b) “a escrita é um desafio”; c) “a escrita nos interliga com tantas possibilidades”.

As respostas foram muito diversificadas, visto que ora apontavam para uma escrita instrumental, da decodificação e da comunicação, ora para uma escrita mais poética, dinâmica e visceral. Na perspectiva de uma escrita pragmática, ilustramos com os seguintes excertos: “escrita como forma de [...] decodificar informações” (Maria); “escrita como forma de comunicação indispensável”; “escrita é uma ferramenta” (Tânia); “escrita como instrumento de poder” (Ana), visões que corroboram Colello quando afirma:

Na escola brasileira, quase sempre, o ensino da língua escrita aparece vinculado de modo estrito à vida estudantil: ler para aprender e escrever para comprovar o aprendizado. Embora esse seja um alvo legítimo (e até desejável!), a ênfase atribuída aos fins tipicamente escolares mascara o alcance da conquista da escrita, tornando-a artificial e, muitas vezes, desprovida de significado ou motivação (COLELLO, 2012, p.26).

Em contrapartida, a outra perspectiva revelou uma escrita mais relacionada à vida, como observamos nos trechos: “escrita como uma ascensão social, cultural e que possibilita ao indivíduo experimentar muitas coisas” (Ana); “escrita como construção permanente de sentidos” (Raquel); “escrita como [...] liberdade” (Carla) ; “escrita fundamental para [...] acesso ao mundo” (Nadir); “escrita como processo de expressão do ser humano” (Regina); “dizer o que sente, pensa e deseja por meio da escrita” (Sueli); “os sentidos da escrita ampliam o olhar sobre o mundo, favorece a liberdade para realizar escolhas” (Nilse). Desse modo, atribui-se à escrita “a condição de legítimo conhecimento [...] uma razão mais próxima da vida e, portanto, educativa de verdade: uma conquista indispensável ao estudante, fundamental ao cidadão e essencial ao ser humano” (COLELLO, 2012, p.26).

Compreendemos que, para os participantes do curso, ao mesmo tempo em que a escrita fora conceituada a partir de sua instrumentalização, o que cria

fronteiras para o próprio escrever, foi recorrente a perspectiva da escrita como *espaçotempo* de liberdade, que subverte fronteiras, derrubando muros e tecendo possibilidades inéditas para a escrita. A seguir, apresentamos cada eixo a partir da análise das enunciações escritas dos participantes.

1- “A escrita é um privilégio de poucos”

Ao falar sobre os sentidos da escrita, Ana logo identifica a sua função ligada ao privilégio e não ao direito de todos em aprendê-la. Nesse aspecto, as enunciações evidenciaram uma escola que aparta os sujeitos da escrita já no início do processo de aprendizagem ao criar um distanciamento entre o ensino da escrita/do “escrever” e a vida, conforme observamos na crítica abaixo:

É notório que a escrita é um objeto privilegiado e para aqueles que não têm acesso a esse bem, a sociedade é excludente com eles, sendo conhecidos como “os burros”, “os que não sabem”. Por consequência, ficam restritos ao acesso a muitos bens oferecidos pela sociedade e eles mesmos não se sentem pertencentes a ocupar os diferentes espaços dessa sociedade. (...). (Ana)

A forma como a escrita vem sendo trabalhada nas escolas implica, quase sempre, vê-la como um objeto de ensino e de aprendizagem, descontextualizada do cotidiano social e cultural dos estudantes, portanto subjugada a uma concepção de língua de cujos processos constitutivos está excluída a complexa rede formada pelos sujeitos que somos, pois como afirma o participante Elias: “Ler e escrever no Brasil, tenho visto há um tempo que é (...) saber dominar a leitura e gramática de uma forma muito rotulada e o aluno que não se adequar ao formato de ensino, ficara excluído.”.

2- “A escrita é um desafio”

A escrita vista como um desafio aparece nos relatos de boa parte dos participantes, ora relacionada ao ensino, ora relacionada à sua própria escrita. O movimento de construir coletivamente um espaço de se reconhecer escritor

e partilhar seus próprios limites favorece, ao nosso ver, a sensibilidade com o processo do aluno.

Alguns participantes relataram fatos ligados ao desafio, outros explicitaram o seu desafio pessoal de aprender e ensinar a escrita. No trecho abaixo, percebemos um sujeito implicado com a escrita de diversas formas:

O sentido da escrita em minha vida, aconteceu quando tinha sete anos e, comecei a escrever cartinhas para a minha avó que morava na Bahia. Depois, ganhou mais importância quando comecei a ensinar meu pai a escrever seu próprio nome. Ele, já estudava no antigo MOBREAL, porém não conseguia copiar e nem entender nada do que os professores ensinavam. Então, com a mesma atenção e paciência que tinha aprendido, ensinei-o e assim, fiquei encantada pelo “poder” que a leitura e a escrita tinham. Independência é a palavra que resume quando se aprende a entender e ler o que se escreve. (Nanci)

O que Nanci vivencia em sua casa e a forma como atribui sentido ao fato carregado de sentimentos expressaram a existência de uma rede de saberes que reúne e entrelaça os conhecimentos acadêmicos, os conhecimentos da prática e as problematizações da vida comum. A independência conquistada pelo seu pai e por ela mesma seguida da lembrança de como aprendeu conferem a escrita um sentido de potência para viver a liberdade de poder se expressar.

Reiterando a escrita como desafio, Ana aponta que seu ensino requer formação com trabalho intencional e específico: “Acredito que a cada dia a escrita tem se tornado um desafio cada vez maior, onde ensinar a escrever não está ligado a dom, mas formação, intencionalidade e trabalho específico.” (Ana)

Desse modo, a reflexão crítica sobre a prática, entrelaçada aos saberes acadêmicos e às problematizações da vida cotidiana produziram diferentes formas de pensar a escrita, dentre elas, destacamos uma que se refere à formação: “Trabalhar o desenvolvimento da escrita na escola não é tarefa fácil, mas é extremamente necessária, porque o domínio dessa competência é uma das formas que o sujeito tem de exercer sua cidadania de maneira plena. (Amanda)

3 – “A escrita nos interliga a tantas possibilidades”

A dimensão da escrita para além do domínio do código fez-se presente em todo curso e na fala de Keila: “A escrita nos interliga com tantas possibilidades, infelizmente ainda estamos em um país onde milhares de pessoas são analfabetas e estão excluídas de um direito (...)”.

Visão que vai ao encontro da fala de outra participante: “(...) os sentidos da escrita ampliam o olhar sobre o mundo, favorecem a liberdade para realizar escolhas, (...) e faz compreender o mundo em sua realidade, se posicionar, falar através de textos, emitir sua opinião e sentimento.” (Nilse)

As duas perspectivas da escrita como possibilidades e ampliação do mundo, entretanto, são limitadas quando condicionadas a determinados usos do “escrever para” que levam a: “[...] produções escritas pouco criativas, insípidas, repletas de clichês, vazias de conteúdo ou de emoção, tais como as de seus colegas mais velhos quem chegam às portas da universidade (COLELLO, 2012, p.40).

Compreende-se que há uma ruptura com a escrita criativa e com o processo de contribuir para a autonomia dos estudantes, focalizado em um “ensino da escrita para”, para um objetivo, para o imediato, para o artificial e para passar em exames de acesso ao ensino superior.

No entanto, Roberto nos trouxe a necessidade de uma escrita existencial, que nos constitua como sujeitos, que amplie o saber, aprimore a prática e aprofunde o conhecimento pessoal:

Vim buscar neste curso, além do esforço de compreensão do fenômeno da escrita como uma construção permanente de sentidos e técnicas ao longo do itinerário, não apenas escolar, mas existencial, destes diferentes sujeitos, um espaço formativo em que pudesse dialogar, a partir da diversidade de sujeitos, práticas e saberes, acerca destas questões, construindo, assim, novas estratégias de abordagem.(Roberto)

Considerações Finais

Em relação aos sentidos da escrita para professores, compreendemos que a escrita é para poucos, portanto um privilégio; de que ensiná-la é um desafio, ao mesmo tempo, em que se constitui como possibilidades e ampliação do mundo, pois nos constitui também como sujeitos. Os sentidos da escrita revelados nas enunciações dos professores apontam para as amarras do cotidiano escolar em relação ao ensino da escrita, mas também para um *espaçotempo* de complexas redes de interações e de saberes cuja função social de ensinar permite singularidades e subjetividades, na perspectiva de uma escrita existencial. A discussão permitiu compreender que modos de ensinar a escrita são mais legitimados socialmente, que outros podem ser questionados e que, a partir de interações, foi possível amalgamar relações fraturadas entre os níveis de ensino, como seres inacabados e inconclusos, o que reflete a importância da relação da universidade com a educação básica no ensino da escrita.

Referências

ALVES, N., OLIVEIRA, O. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. 3.ed. Petrópolis: DP et Alli, 2008.

CASTRO, M. M. C. E. & AMORIM, R. M. de A. A formação inicial e a continuada: diferenças conceituais que legitimam um espaço de formação permanente de vida. In: **Cadernos Cedes**. Campinas: v.35, n.95, p.37-55, jan-abr., 2015.

COLELLO, S. M. G. **A escola que (NÃO) ensina a escrever**. 2.ed. revisada. São Paulo: Summus, 2012.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 14.ed. São Paulo: Editora Olho d' água, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GHEDIN, E. & FRANCO, M. A. S. A reflexão como fundamento do processo investigativo. In: **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

NÓVOA, António. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE. In: NÓVOA, António, coord. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em: Outubro, 2018.